UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES

YURI CRISOSTOMO FONSECA

AFROFUTURISMO NO BRASIL: ESTADO DA ARTE

SÃO FRANCISCO DO CONDE
2022

YURI CRISOSTOMO FONSECA

AFROFUTURISMO NO BRASIL: ESTADO DA ARTE

Projeto de Pesquisa apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Zelinda dos Santos Barros.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

YURI CRISOSTOMO FONSECA

AFROFUTURISMO NO BRASIL: ESTADO DA ARTE

Projeto de Pesquisa apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 10/02/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª. Dr.ª Zelinda dos Santos Barros (Orientadora)
Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira/UNILAB

Prof. Dr. Bas'Ilele Malomalo
Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira/UNILAB

Prof. Dr. Marlon Marcos Vieira Passos
Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira/UNILAB

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	5
2	**REFERENCIAL TEÓRICO**	7
3	**OBJETIVOS**	10
3.1	GERAL	10
3.2	ESPECÍFICOS	10
4	**METODOLOGIA**	11
5	**CRONOGRAMA**	12
	REFERÊNCIAS	13

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, principalmente a partir de 2019, um ano depois do lançamento do filme da Marvel intitulado *Pantera Negra* (2018), observamos a disseminação de debates no Brasil a respeito do “Afrofuturismo”, movimento estético, político, cultural e filosófico que não somente desafia a estrutura racista, quando movimenta a combinação entre pessoas pretas e tecnologia, como também inaugura, re-inaugura e/ou revela perspectivas, interpretações e, consequentemente, posicionamentos a respeito de temáticas que se cruzam e correspondem: África, tecnologia, política e, principalmente, as temporalidades africanas, algo que remete ao próprio nome do movimento (DERY, 1994; ESHUN, 2003; DIAS, RODRIGUES, 2021; FREITAS, MESSIAS, 2018; AIN-ZAILA, 2019; SILVA, 2019; GOMES, CARVALHO; COSTA, 2019; SILVA, 2018; PINHEIRO, 2021; RANGEL, 2016).

No Brasil, de modo ainda incipiente, nos deparamos com artistas, ativistas, influenciadores digitais e acadêmicos discutindo o que seria e o que podemos aprender com o Afrofuturismo. Como movimento afrocêntrico que afronta tudo aquilo que não dá conta de nossa vivência africana na diáspora e no continente, o Afrofuturismo executa um comando vital na linha de código de nossas afro-existências: evidência a inteligência africana no continente e suas diásporas, assim como seu desenvolvimento científico e tecnológico (EGLASH, 1995; NELSON, 2002), algo que desde os primórdios nunca foi “deletado”, embora o racismo, por conta das “pilhagens epistemológicas” (FREITAS, 2006), tenha tentado nos fazer acreditar na narrativa contrária.

Ainda que o Afrofuturismo venha ganhando popularidade, é um tema pouco explorado pela academia. Ao pesquisar utilizando a palavra-chave “afrofuturismo” no buscador Google, no Google Acadêmico e no Scielo, não nos deparamos com muitas produções em português. Mesmo no seu país de origem, os Estados Unidos, as produções intelectuais sobre o movimento são poucas, se compararmos com o que já tem sido produzido a respeito de outras temáticas. Retornando ao Brasil, é perceptível que a partir do ano de 2019 tivemos um aumento significativo de produções. Existe o predomínio de produções sobre assuntos relacionados à literatura, música e filmes – às artes, no geral – e, nelas, algumas definições a respeito da temática se desencontram, o que demonstra que a forma como a discussão tem sido

encaminhada tem aberto muitas brechas para interpretações que, em vez de convergirem entre si, terminam por se anular. Para que consigamos partir de um ponto que permita ampliarmos a discussão, é necessário analisar e sistematizar o pensamento brasileiro sobre o tema.

Com a ascensão de artistas brasileiros que, com suas produções, discursos e posicionamentos vêm visibilizando o movimento nas mídias sociais, muitos/as têm se interessado pelos escritos disponíveis sobre a temática. No entanto, existe determinada confusão sobre algumas conceitualizações, como a própria definição do termo “Afrofuturismo” e sua relação com a ancestralidade. Outros tensionamentos também podem ser destacados: o Afrofuturismo seria *“realmente afrocêntrico quando se utiliza de elementos discursivos do ocidente para falar de desenvolvimento científico, apenas trazendo mudanças estéticas? Seriam elitizados os discursos que se dizem afrofuturistas e se constituem de identidades afropolitanas?”* (BUROCCO, 2019). Numa época em que testemunhamos e sofremos com problemas de violência policial, doenças étnicas e discursos de supremacia racial – para citar alguns dentre os incontáveis problemas - seria realmente importante debatermos e produzirmos sobre a relação de raça com tecnologia e ficção científica? Esta, decerto, é uma das perguntas que mais causam desconforto nos pesquisadores do Afrofuturismo, que em seus textos não costumam abordar diretamente a temática “hierarquização de demandas”.

Todas essas são questões, dentre outras que ainda não foram discutidas de maneira aprofundada, são ignoradas nas discussões sobre Afrofuturismo. No entanto, é preciso nos apegarmos a algumas definições básicas. Não me refiro aqui a uma homogeneização, pois é evidente que estudamos – e devemos - sobre posicionamentos distintos. Para nos posicionarmos de maneira consistente, precisamos definir sistematicamente os nossos próprios conceitos – mesmo que divergentes entre si, atentando às particularidades que possam vir a complexificar o debate.

Uma vez que identificamos as principais angústias, implicações, problematizações e destacamos que o movimento surgiu entre artistas afro-americanos, será pertinente lançar algumas questões fundamentais e provocativas neste período em que o Afrofuturismo está sendo disseminado globalmente: 1) Quais são as ideias produzidas por este movimento? 2) Quais são os indivíduos/grupos que

as produzem? 3) Quais tendências que podem ser identificadas no material produzido? Este projeto de pesquisa toma estas questões como norteadoras da construção do estado da arte do Afrofuturismo.

Sobre as pesquisas de estado da arte, Norma Sandra de Almeida Ferreira (2002) diz que

> Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado. (FERREIRA, 2002, p.258)

Neste sentido, é preciso identificar quem está falando sobre Afrofuturismo, onde e o que tem sido dito, para que então possamos dimensionar os resultados das nascentes investigações no Brasil. Ao fazermos uma análise mais cuidadosa sobre o estado da arte do Afrofuturismo no Brasil, evidenciaremos os principais temas, áreas e abordagens que fazem parte do debate sobre o movimento.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O termo Afrofuturismo tem sua origem nos Estados Unidos, em 1994, no ensaio “Black to the Future: Interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate, and Tricia Rose”, produzido pelo crítico cultural branco-americano Mark Dery. Neste ensaio, o crítico buscou entender a pouca representatividade negra nas histórias de ficção científica. Para isto, entrevistou o escritor afro-americano Samuel R. Delany, que trouxe importantes observações sobre o sentir-se “estranho” em uma terra para qual fomos “abduzidos por alienígenas”; referências para construção de um amanhã da população negra; nacionalismo negro; segregação na ficção científica; alta tecnologia; cyberpunk; política; gênero e sexualidade no Afrofuturismo, destacando, do ponto de vista de um afro-americano gay algumas de suas constatações sobre esse cenário

literário considerado emergente. O escritor e músico afro-americano Greg Tate fez contribuições a respeito dos leitores e escritores negros de ficção científica e suas representações; filosofia, pesquisa e Egito antigo. Tricia Rose, crítica cultural afro-americana que na entrevista fala sobre a conexão entre Afrofuturismo e a cultura hip-hop abordou assuntos como tecnologia, música digital, dança, robôs e ciborgues. Todos os tópicos abordados pelos três entrevistados neste texto têm relação direta com o Afrofuturismo e inauguram debates que, além de perdurarem até os dias atuais, demonstram o quanto esse movimento é diverso, pois não se resume a colocar uma pessoa negra com um computador em um filme de ficção científica, sem que nenhuma das problemáticas que nos rodeiam sejam tencionadas, é muito mais do que isso.

É importante destacar que Mark Dery não inaugurou o Afrofuturismo, que já existia na estética e filosofia das produções psicodélicas do jazzista afro-americano Sun Ra e sua orquestra, mais conhecido por sua emblemática obra *Space Is The Place* (1974). O excêntrico músico, que afirmava vir do planeta saturno, é considerado um dos fundadores do mesmo movimento, ao qual associamos os livros da aclamada autora afro-americana Octavia Butler, a aterrorizante narrativa de “The Comet” (1920), do afro-americano W.E.B Du Bois, que também foi organizador da primeira conferência pan-africanista, e as fortes batidas eletrônicas de *Planet Rock* (1982), produzidas pelo DJ afro-americano Afrika Bambaata - apenas alguns exemplos de obras que já tinham sido lançadas antes de 1994. É perceptível que o Afrofuturismo nasceu muito antes do seu reconhecimento como movimento, sendo vislumbrado em pinturas de Jean-Michel Basquiat, como *Molasses* (1983), em que representa um robô virando os olhos de bêbado e com enormes dentes projetados para frente.

Se deslocarmos nossa atenção para o momento atual do Afrofutuurismo, podemos encontrar trabalhos que tratam de questões relacionadas ao sistema judiciário (CORRAIDE, 2021); ao ensino de ciências (SEPULVEDA; MORAIS; SANTOS; 2019); à engenharia musical (MENEZES, 2019), etc. São inúmeras perspectivas e abordagens atualmente atreladas ao movimento, o que nos dá a dimensão dos diversos atravessamentos que vêm sendo realizados nos últimos anos ou que estiveram presentes desde o surgimento desse importante meio de reivindicação diante das injustiças raciais.

Lisa Yaszek dividiu o histórico do Afrofuturismo em três etapas: 1) Afrofuturismo nos Estados Unidos: 1850-1960; 2) Afrofuturismo nos Estados Unidos: 1960-Presente

e 3) Afrofuturismo Global: 1980-Presente. A primeira etapa "[...] marca o estabelecimento da ficção científica e do Afrofuturismo, e tanto uma quanto o outro eram gêneros populares com muitas semelhanças desde os seus primórdios" (YASZEK, 2013, p.145). A segunda etapa "[...] marca o período no qual o Afrofuturismo se integra com a ficção científica mainstream." (YASZEK, 2013, p.153). Na terceira etapa, o Afrofuturismo atinge um nível global "[...] aqui, a principal questão é: o futuro parecerá com o passado e o presente conforme vivenciados pelo povo dos Estados Unidos de todas as etnias ou refletirá as experiências do povo negro de outras partes do mundo?" (YASZEK, 2013, p.156). Poucos anos depois da publicação do texto de Lisa Yaszek, podemos nos deparar no Brasil com a lenta, mas promissora publicação de obras que tratam de experiências afro-brasileiras nos livros, músicas e moda.

Um dos nomes mais fortes no cenário afrofuturista brasileiro é o do escritor Fábio Kabral, autor dos livros *O caçador cibernético da rua 13* (2017) e *A cientista guerreira do facão furioso* (2019). Por meio de seus textos, vídeos e participações em programas, Kabral tem movimentado interessantes discussões sobre a relação entre pessoas pretas, ancestralidade, ficção científica e, nos fazendo sair de interpretações e debates rasos sobre o Afrofuturismo, recentemente criou o termo "Macumbapunk", *"narrativas de ficção especulativa cujo universo gira em torno das espiritualidades de matrizes africanas"* (KABRAL, 2020, p.6) que definem a realidade e as leis do universo onde a narrativa acontece. O autor continua escrevendo ativamente e, assim como muitos outros artistas, pode ser considerado um afrofuturista precursor de histórias de ficção científica que articulam vivencias africanas e/ou afrodiaspóricas.

O coletivo baiano *Afrobapho*, constituido por pessoas LGBTQIA+, a cantora Ellen Oléria, que recentemente lançou um álbum intitulado "Afrofuturista", a multiartista Zaika dos Santos, a pedagoga e escritora Lu Ain-Zaila, que, em 2019, lançou o livro *Sankofia: breves histórias sobre afrofuturismo*, a pesquisadora Kênia Freitas, que foi uma precursora no tensionamento entre o Afrofuturismo e Afropessimismo[1], o grupo musical Senzala Hi-Tech, que lançou o disco *Represença*

[1] "Segundo Jared Sexton, afropessimismo é ao mesmo tempo uma corrente teórica, uma intervenção conceitual, uma leitura de mundo e um meta-comentário feito por pensadores e pensadoras negros e negras sobre a negritude — ou mais precisamente sobre a experiência da negritude em um mundo organizado em torno da supremacia branca e da anti-negritude. Para os afropessimistas, a abolição da escravidão apenas levou a uma reorganização da "dominação e o ex-escravo tornou-se o 'sujeito' racializado negro" (Racked & Dispatched, 2017: 8) e a

(2019). Além de mais alguns artistas que têm trabalhos notáveis com elementos afrofuturistas, como Xênia França, Karol Conká, Rincon Sapiência, dentre outros nomes que têm surgido e ganhando cada vez mais popularidade.

Todos esses artistas estimulam e evidenciam a necessidade que temos em escrever mais sobre uma temática que nos é importante e carece de debates. Como pensadores e produtores de intelectualidade, este é um momento vital na construção do pensamento afrofuturista no Brasil, de forma a considerar as particularidades que essas manifestações ganham no país.

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

Mapear e analisar o que se produziu nas universidades brasileiras sobre Afrofuturismo, no período de 2010 a 2021.

3.2 ESPECÍFICOS

- Analisar a abrangência do tema “Afrofuturismo” no Brasil identificando suas áreas de predominância;
- Sistematizar trabalhos acadêmicos produzidos no Brasil entre 2010-2021 que discutiram o Afrofuturismo;
- Identificar os conceitos que fundamentam o debate sobre o tema no Brasil e suas particularidades;
- Destacar os diferentes significados atribuídos aos conceitos, assim como os diferentes posicionamentos políticos relacionados ao tema.

---

mesma relação de violência estrutural se manteve socialmente para o negro. [...] Nesse sentido, a condição da negritude diaspórica contemporânea é ainda a condição do escravo. [...] Dessa forma, a liberdade para o negro e para o escravo não é apenas a da sua existência como propriedade/objeto, mas sim é necessária: “Liberdade da raça humana, liberdade do mundo. O escravo exige liberdade gratuita” (Wilderson III, 2010: 141). Uma liberdade gratuita e ilimitada na extensão da violência gratuita e ilimitada que a sociedade de supremacia branca gera com a sua anti-negritude.” (BUROCCO, 2019, p.414-417).

4 METODOLOGIA

Será realizada uma pesquisa do tipo “estado da arte” que buscará, por meio de um levantamento bibliográfico, analisar e sistematizar as discussões sobre o Afrofuturismo.

> O Estado da Arte e o Estado do Conhecimento são denominações de levantamentos sistemáticos ou balanço sobre algum conhecimento, produzido durante um determinado período e área de abrangência. Dessa forma, os pesquisadores que decidem fazer um Estado da Arte ou Estado do Conhecimento têm em comum o objetivo de “olhar para trás”, rever caminhos percorridos, portanto possíveis de serem mais uma vez visitados por novas pesquisas, de modo a favorecer a sistematização, a organização e o acesso às produções científicas e à democratização do conhecimento. (SILVA, SOUZA, VASCONCELLOS, 2021, p.2).

Uma pesquisa do tipo estado da arte é a mais recomendada para este tema, uma vez que são relativamente recentes as produções acadêmicas sobre afrofuturismo aqui no Brasil e, portanto, alguns conceitos básicos ainda não estão estabilizados. De modo geral, a discussão abrange publicações em blogs pessoais, notícias e postagens em redes sociais, não atingindo tanto o campo acadêmico.

Serão analisadas as produções acadêmicas publicadas desde a primeira produzida por autoras/es brasileiras/os no Brasil, em 2010, até o primeiro semestre de 2021, por meio do uso das palavras-chave “afrofuturismo” e “afrofuturismo no Brasil” no buscador Google Acadêmico [https://scholar.google.com.br/?hl=pt], que tem por finalidade agregar os resultados encontrados em sites de textos acadêmicos e especificamente no Scielo [https://www.scielo.org/]. Por ser um movimento iniciado nos Estados Unidos e que somente recentemente repercutiu no Brasil, textos traduzidos para a língua portuguesa não serão considerados. Os textos selecionados serão organizados em planilha por ano, palavras-chave, tipo de produção (artigo; livro; tese; dissertação etc) e resumo. Para aqueles que não contam com um resumo, serão escritas sínteses que seguirão a mesma estrutura de resumo de texto acadêmico.

A análise do material será realizada da seguinte forma: depois de serem sistematizados seguindo os critérios apresentados acima, por meio das palavras-chave serão analisados os aspectos referentes à discussão sobre a temática num contexto mais geral. Em seguida, será analisada a forma como o tema referente a cada palavra-chave tem sido desenvolvido ao longo das produções e do tempo. Todos

esses resultados, por meio de arquivos de texto e planilhas, serão sistematizados em texto corrido e em formato de linha do tempo.

5 CRONOGRAMA

ATIVIDADES	TCC I				TCC II				TCC III			
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Revisão de literatura												
Seleção dos textos												
Sistematização e análise do material da pesquisa												
Redação do TCC												
Defesa do TCC												

REFERÊNCIAS

AIN-ZAILA, Lu. **Arquétios afrofuturistas**: as novas geografias da presença afrodiaspórica por negr@s na ficção especulativa. Salvador: VI Simpósio Internacional Lavis 2019. 2019.

ALCÂNTARA CONDE DA SILVA, B. **Arte pós-colonial e pan-africanismo**: o afrofuturismo como uma perspectiva alternativa ao desenvolvimento africano e diaspórico no filme Pantera Negra (2018): Postcolonial Art and Pan-Africanism: Afrofuturism as an Alternative Perspective to African and Diasporic Development in the Film Black Panther (2018). Rotura - Revista de Comunicação, Cultura e Artes, n. 1, p. 70-76, 22 Fev. 2021.

BUROCCO, Laura. **Afrofuturismo e o devir negro do mundo.** Arte & Ensaios– Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais EBA, n. 38, 2019.

CORRAIDE, Marco Túlio. **Afrofuturismo como hipótese de revisão jurídica**. Porto: Future Law, vol II. 2021.

DERY, Mark. **"**Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose**"**. Flame wars. The discourse of cyberculture. Durham and London: Duke University Press, 1994.

DO NASCIMENTO DIAS, Jéssica Cristina; RODRIGUES, Márcio Dos Santos. **Por uma genealogia do Afrofuturismo.** Kwanissa: Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros, v. 4, n. 7, 2021.

EGLASH, Ron. **African influences in cybernetics.** The cyborg handbook, p. 17-27, 1995.

ESHUN, Kodwo. **Further considerations of Afrofuturism.** CR: The New Centennial Review, v. 3, n. 2, p. 287-302, 2003.

FADIGAS, M. D., SEPULVEDA, C., de Souza Morais, J. M., & dos Santos, M. E. **Afrofuturismo como plataforma para promoção de relações étnico-raciais positivas no Ensino de Ciências,** 2019.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida, **As pesquisas denominadas "estado da arte"**. Educação & Sociedade [online]. 2002, v. 23, n. 79 [Acessado 6 Janeiro 2022] , pp. 257-272. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0101-73302002000300013. Epub 20 Ago 2002. ISSN 1678-4626. https://doi.org/10.1590/S0101-73302002000300013..

FREITAS, Henrique. **O arco e a arché**: ensaios sobre Literatura e cultura. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2016.

FREITAS, K; MESSIAS, J. **O futuro será negro ou não será**: Afrofuturismo versus Afropessimismo - as distopias do presente. Imagofagia, n. 17, p. 402-424, 2018.

GILROY, Paul. **Living memory**: a meeting with Tony Morrison, Small acts. London; New York: Serpent's Tail, 1993.

KABRAL, Fábio. MACUMBAPUNK: **Uma nova proposta de ficção especulativa.** Medium. 23 Jun. 2020. Disponível em: https://medium.com/@ka_bral/macumbapunk-uma-nova-proposta-de-fic%C3%A7%C3%A3o-especulativa-1c3bba0fb8b

MENEZES, Wagner. **Liberdade de movimentos**: uma experiência Afrofuturista. 2019.

NELSON, Alondra. "Introduction". **Future Texts**. Social Text, 2002

PINHEIRO, Micaella Schmitz. Regime de tempo no afrofuturismo a partir dos quadrinhos do Pantera Negra. **Revista Memorare**, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 141-159, jul. 2021. ISSN 2358-0593. Disponível em: https://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare_grupep/article/view/10676/5763. Acesso em: 06 jan. 2022. doi:http://dx.doi.org/10.19177/memorare.v8e12021141-159.

RANGEL, Edson. **Afrofuturismo e questões políticas do negro na ficção científica.** Revista de Audiovisual Sala 206, n. 5, 2016.

SILVA, R. L. P. DA; SANTOS, M. R. DOS; AMSTEL, F. V. "Quando o negro se movimenta, toda a possibilidade de futuro com ele se move". **Albuquerque**: revista de história, v. 11, n. 21, p. 132-150, 11 jan. 2020.

TSZESNIOSKI, Roberta Reis Bahia; QUELUZ, Gilson Leandro. "Afrofuturismo: a construção da identidade negra a partir da Literatura". **Capoeira** – Revista de Humanidades e Letras, v. 6, n. 1, p. 239-253, 2020.

VASCONCELLOS, V. M. R. DE; NASCIMENTO DA SILVA, A. P. P.; DE SOUZA, R. T. "O Estado da Arte ou o Estado do Conhecimento"**. Educação**, v. 43, n. 3, p. e37452, 31 dez. 2020.

VAZ, Danielle. BONITO, Marco. "Pantera Negra: a representatividade negra e o Afrofuturismo como forma de construção da identidade". **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Vitória, 2019

YASZEK, Lisa. **Raça na ficção científica: o caso do afrofuturismo.** Tradução de Petê Rissatti. 2013. Disponível em: http://virtual-sf.com/?page_id=372